

**Juventude Rural e Acesso à Educação: Estudo sobre a Trajetória Escolar de Jovens da  
Comunidade Pirajá (Currais-PI)**

**Rural Youth and Access to Education: A Study on the School Trajectory of Youth from  
the Community of Pirajá, in Currais, Piauí, Brazil**

Antonio Lucas Cordeiro Feitosa<sup>1</sup>

**DOI:** 10.52719/bjas.v7i1.7989

**Resumo**

Muitos dos estudos sobre juventude rural abordam a educação como uma dimensão central da vivência social e compreensão da trajetória desses sujeitos. A partir dessa literatura e de vivências pessoais da primeira autora, realizou-se pesquisa sobre estas temáticas no contexto de uma comunidade rural do interior do Piauí, da qual ela é originária. Assim, este artigo objetiva compreender a relação entre acesso à educação e permanência no campo entre jovens da comunidade rural Pirajá, em Currais-PI. A pesquisa empregou abordagem qualitativa e utilizou entrevistas semiestruturadas com quatro jovens da referida comunidade, além de dados secundários sobre o município. Os resultados revelam que o fechamento ou ausência de escolas no campo força muitos jovens rurais a migrarem para as cidades em busca de oportunidades educacionais. Na continuidade de estudo, os jovens enfrentam desafios significativos, como a falta de infraestrutura e recursos educacionais. Além disso, a pesquisa destaca a urgência de políticas públicas que priorizem a educação do campo, visando garantir a manutenção e criação de escolas que atendam às necessidades dos jovens, a fim de reverter o ciclo de desvalorização da vida rural e promover um ambiente que permita aos jovens permanecerem em suas localidades.

**Palavras-chave:** Juventude. Educação. Migração rural-urbana. Trajetória.

**Abstract**

Most studies on rural youth address education as a central dimension of their social experience and understanding of the trajectory. Drawing on this literature and the first author's personal experiences, research on these topics was conducted in the context of a rural community in the interior of the state of Piauí, in Brazil, where she is from. Thus, this article aims to understand the relationship between access to education and rural permanence among young people from the rural community of Pirajá, in Currais, Piauí. The research employed a qualitative approach and used semi-structured interviews with four young people from the Pirajá community, as well as secondary data about the municipality. The results demonstrate that the closure or absence of rural schools forces many rural youths to migrate to cities in search of educational opportunities. While continuing their studies, they face significant challenges, such as a lack of infrastructure and educational resources. Furthermore, the research highlights the urgency of public policies that prioritize rural education, aiming to ensure the maintenance and construction of schools that meet the needs of young people, in order to reverse the cycle of devaluation of rural life and foster an environment that allows young people to remain in their places of origin.

**Keywords:** Youth. Education. Rural-to-Urban Migration. School Trajectory.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Piauí, Piauí, Brasil, antonio.feitosa@ufpi.edu.br

## Introdução

A juventude rural, frequentemente invisibilizada nos estudos e nas políticas públicas, enfrenta desafios únicos que refletem complexidades e especificidades de sua realidade. Como discutido por Maria José Carneiro (2008)<sup>2</sup> e outros autores, essa invisibilidade dificulta a formulação de políticas que atendam de forma adequada às necessidades e expectativas dos jovens que vivem no campo.

No contexto da comunidade rural de Pirajá, situada no município de Currais, sul do Piauí, observa-se um cenário em que, apesar de melhorias na infraestrutura (como a construção de estradas e o acesso à eletricidade e à internet), persiste uma significativa migração de jovens para centros urbanos. Essa movimentação é impulsionada pela escassez de oportunidades educacionais e de trabalho na localidade, o que leva muitos a buscar alternativas em cidades vizinhas, como Bom Jesus-PI, e na própria sede urbana de Currais.

Quando os jovens da referida comunidade não adotam a migração como estratégia de continuação dos estudos, eles acabam interrompendo suas trajetórias escolares. A primeira autora deste artigo cresceu em Pirajá e lá iniciou sua trajetória escolar, mas teve que sair do campo para concluir o ensino básico, ingressar e cursar a graduação.

Diante disso, este estudo tem como objetivo compreender a relação entre acesso à educação e permanência no campo na trajetória de vida de jovens rurais da comunidade Pirajá, em Currais-PI<sup>3</sup>. Com isso, espera-se contribuir com a discussão sobre juventude rural no Nordeste, mais especificamente no interior do Piauí, alinhando-se a trabalhos como os de Valéria Silva e Maria Aparecida Milanez Cavalcante (Silva, 2016; Cavalcante & Silva, 2016), que investigaram a realidade de jovens rurais nos municípios de Sebastião Leal-PI e Castelo do Piauí-PI, e de outras autoras que estudaram outros contextos nordestinos (Paulo, 2014, 2018; Silva et al., 2016; Silva & Menezes, 2007; Oliveira & Rios, 2024).

Ao abordar as experiências vividas por jovens da comunidade Pirajá, este estudo busca não apenas contribuir para preencher lacunas na literatura sobre juventude rural, mas também

<sup>2</sup> Como forma de facilitar a identificação de autoria, sobretudo feminina, sempre que possível, na primeira entrada de citação ou paráfrase de cada autor(a) o seu nome completo será informado

<sup>3</sup> Este artigo é uma versão revisada e atualizada do Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora (Costa, 2025), que foi orientada pelo segundo autor.

provocar debates públicos e a formulação de políticas públicas que possam promover o acesso à educação, o desenvolvimento e a permanência dos jovens em suas comunidades.

Os resultados aqui apresentados e analisados são fruto, sobretudo, de entrevistas semiestruturadas realizadas em agosto de 2024 com dois jovens e duas jovens de Pirajá. Com as entrevistas, buscou-se identificar as dificuldades enfrentadas pelos jovens ao longo de suas trajetórias escolares. Assim, o foco não recaiu sobre a quantidade de jovens entrevistados, mas na qualidade das informações reunidas, de modo que permitissem uma compreensão aprofundada das suas trajetórias de vida. O cotejamento desses dados com outros estudos realizados no sudoeste piauiense, e mesmo sobre juventude rural em outros contextos, possibilita evidenciar questões que demandam análises mais amplas e aprofundadas e políticas públicas mais eficientes.

Para realização das entrevistas, foram selecionados jovens de acordo com os seguintes critérios: terem passado parte da infância na comunidade Pirajá e estudado na escola local antes de se deslocarem para instituições de ensino mais distantes, seja em áreas rurais ou urbanas; terem pais que ainda residem na comunidade; e terem conseguido concluir no mínimo o ensino médio.

O estudo seguiu rigorosamente as orientações éticas para pesquisas com seres humanos, adotando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado por todos os interlocutores entrevistados. Este termo esclareceu os objetivos da pesquisa, a importância da contribuição de cada entrevistado e os procedimentos éticos adotados. Além disso, para proteger a identidade dos participantes, foi acordado no TCLE que nomes fictícios seriam utilizados na identificação de dados e trechos citados das entrevistas. Para análise das entrevistas, foram transcritos e agrupados por tema os trechos mais significativos das respostas de cada um às respectivas perguntas. Nas transcrições, buscou-se preservar a oralidade das falas no momento em que foram captadas em áudio.

Para enriquecer a análise, a pesquisa também incorporou dados secundários, como aqueles disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2024, 2025), pelo portal Atlas Brasil (2024), por uma agente comunitária de saúde da comunidade, entre outros.

Na seção seguinte, apresentamos o contexto de realização da pesquisa, seguido da análise dos dados primários e secundários, focando nas experiências dos quatro jovens entrevistados.

### **O município de Currais e a comunidade Pirajá**

Para pesquisarmos sobre juventudes em comunidades rurais, é necessário compreender, primeiramente, as dinâmicas sociais que se fazem presentes nos espaços rurais, aqui compreendidos como realidades que extrapolam o setor agrícola. Conforme Maria de Assunção Lima de Paulo:

É importante, no entanto, salientar que no interior do mundo rural, as várias configurações sociais irão ser responsáveis por diferentes vivências de juventude. Neste sentido, só é possível compreender a juventude rural a partir da compreensão do meio rural no qual ela está inserida e das múltiplas condições sociais decorrentes da construção social, política e econômica desse meio (Paulo, 2014, p. 234).

Assim, aqui é necessário apresentar o contexto de que trata este estudo. A pesquisa foi desenvolvida na comunidade Pirajá, que está situada no município de Currais-PI, ficando distante cerca de 30 quilômetros da sede urbana. Currais localiza-se a 613 quilômetros de Teresina, capital do estado, na região sudoeste piauiense. Antes da emancipação política do município, em 1994, ele fazia parte do município vizinho, Bom Jesus-PI, com o qual os curralenses ainda mantêm muitos vínculos e que possui uma centralidade (Alves & Rolim, 2015) econômica, educacional e de serviços públicos e privados para a região. Segundo o Censo Demográfico de 2022, naquele ano Currais tinha 4.854 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2024), sendo que 69,65% da população residia na zona rural.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Currais demonstrou um aumento significativo (de 59,88%) entre os anos de 2000 (0,339) e 2010 (0,542), enquanto o IDHM do estado do Piauí passou de 0,484 para 0,646, um crescimento de 33,47% no mesmo período (Atlas Brasil, 2024). O valor do índice municipal ainda posicionava Currais na faixa de “baixo” IDHM (de 0,500 a 0,599 – quanto mais próximo de 1,000, maior o desenvolvimento humano)<sup>4</sup>.

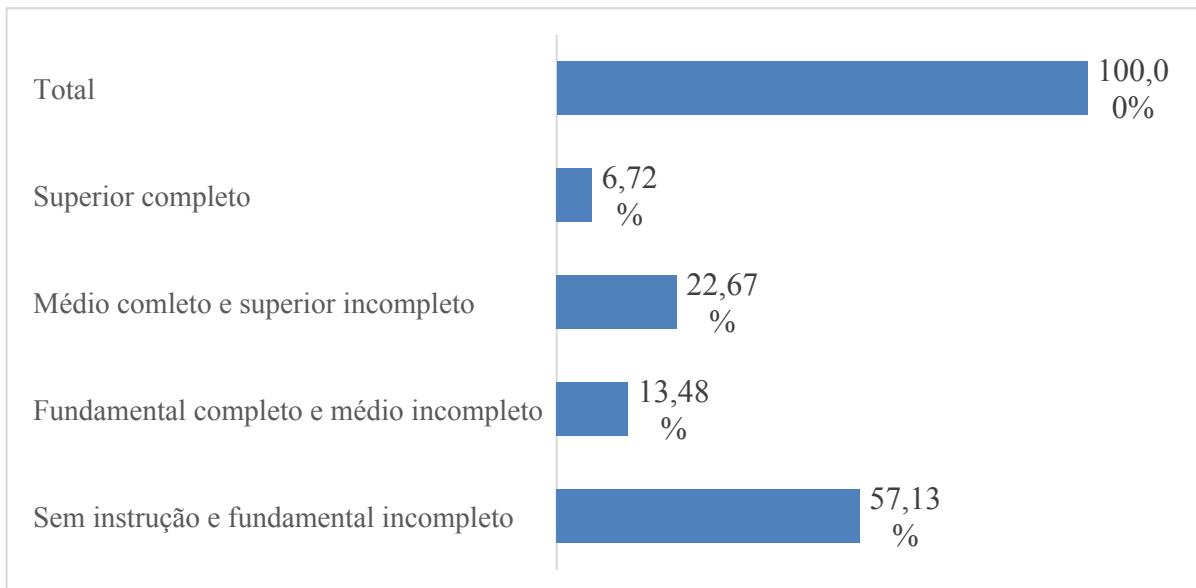
Ao analisar as três dimensões que compõem o IDHM, observa-se que entre 2000 e 2010 o IDHM Educação de Currais apresentou a maior alteração (182,58%), passando de 0,155 para 0,438. Já o IDHM Renda registrou uma variação de 21,59% (de 0,403 para 0,490), enquanto o IDHM Longevidade teve um aumento de 19,65%, passando de 0,621 para 0,743 (Atlas Brasil, 2024).

Os dados do Censo Demográfico de 2022 sobre os níveis de instrução em Currais mostraram uma realidade preocupante em relação à educação da população com 18 anos ou mais de idade, conforme ilustrado na Figura 1, abaixo.

<sup>4</sup> Atualmente, o Atlas Brasil só apresenta dados até o ano de 2010.

*Figura 1*

Níveis de instrução da população com 18 anos ou mais de idade em Currais-PI, em 2022.



Fonte: adaptado de IBGE (2025 [2022]).

Destaca-se na Figura 1 a alta porcentagem (57,13%) de pessoas que se encontravam na categoria sem instrução e fundamental incompleto.

No que diz respeito ao número de pessoas com 15 anos ou mais de idade alfabetizadas ou não no município em 2022, das 3.693 curralenses nessa faixa etária, 2.932 (79,39%) eram alfabetizadas e 761 (20,61%) não eram alfabetizadas (IBGE, 2025).

Conforme dados levantados junto a agente comunitária de saúde de Pirajá, a comunidade tem cerca de 48 famílias cadastradas junto ao serviço de atendimento. Entre elas há 35 jovens que residem no local, alguns dos quais já se casaram e trabalham nas fazendas de produção agrícola do entorno e que integram a agricultura em larga escala desenvolvida no sudoeste do Piauí, voltada principalmente para o agronegócio e a produção de grãos em grandes extensões de terra (Jesus & Fabrini, 2017). Outros jovens permanecem com suas famílias, trabalhando na colheitas de milho, feijão, mandioca e outras culturas. Essas atividades integram a agricultura camponesa, caracterizada por pequenas propriedades e

técnicas tradicionais. Além disso, algumas famílias se dedicam à criação de gado, galinhas, porcos e outros animais, atividades essenciais para o modo de vida e economia local.

Além dos jovens que permanecem na comunidade, outros residem em Bom Jesus para trabalhar ou estudar, retornando à Pirajá aos fins de semana e feriados.

Com o passar dos anos, a comunidade teve algumas mudanças e melhorias em alguns quesitos, como pode ser observado nas estradas que foram feitas, no acesso à eletricidade e internet, facilitando a comunicação dos moradores. Mesmo com essas mudanças, observa-se a migração dos jovens para outras áreas fora da comunidade. Para algumas pessoas de Pirajá, muitas dessas migrações ocorrem pela falta de oportunidades educacionais no próprio município.

A pesquisa realizada por João Benedito Fernandes da Costa (2018) mostrou que a única escola que existia na comunidade Pirajá foi fechada no ano de 2009. Mantida pelo município, a Unidade Escolar Antônio Alves de Sousa foi construída em 1981. Como afirma Costa (2018, p. 04): “O fechamento da escola causou muita revolta na comunidade, ao transferir seus filhos para outras escolas. Os moradores sabem que havia grande dificuldade em fazer remanejamento e até mesmo deslocar para outra cidade”.

O fechamento das escolas do campo configura um problema significativo para a comunidade<sup>5</sup>. A pesquisa de David Gonçalves Borges (2017), realizada em 2014, apresenta dados de oito alunos prejudicados pelo fechamento de uma escola do campo no município de Currais, representando 0,11% do total de alunos afetados no Piauí e 0,27% do total de 377 escolas fechadas no estado<sup>6</sup>.

Para Borges (2017), o fechamento dessas escolas está diretamente relacionado à política de nucleação, na qual os alunos são transferidos para estudar em comunidades rurais mais populosas (deslocamento campo-campo) ou na sede urbana dos seus municípios (deslocamento campo-cidade). Para facilitar esse deslocamento, as prefeituras disponibilizam ônibus ou outros meios de transporte, nem sempre adequados ou suficientes para a demanda existente.

---

<sup>5</sup> Segundo pesquisa de Jânio Ribeiro dos Santos (2024), entre 1996 e 2022 foram fechadas 150.173 escolas públicas situadas no campo no Brasil. A região Nordeste foi a mais afetada, concentrando 47,09% das escolas extintas. Ainda segundo o autor, o Piauí ocupa a 8ª posição nacional nesse ranking, com taxa de extinção de 4,70% ou de 7.052 escolas fechadas. No estado, observa-se que a região sudoeste, em que se encontra o município de Currais, foi a que teve a segunda maior taxa de fechamento (29,01%), ficando atrás apenas da região Sudeste (29,74%).

<sup>6</sup> Os dados da pesquisa do autor dizem respeito ao ano de 2014, não sendo possível afirmar que a escola foi fechada no mesmo ano.

Após o fechamento da Escola Antônio Alves de Sousa, foi necessário que os alunos e professores da comunidade Pirajá se deslocassem para a Escola Municipal Joaquim Fernandes de Castro, localizada no povoado Delícia, ainda em Currais e distante cerca de 8 km de Pirajá. Contando com o auxílio de ônibus escolar, essa escola passou a atender os alunos das comunidades vizinhas. A referida escola atende alunos da educação infantil, ensino fundamental e Educação para Jovens e Adultos – EJA.

Os jovens que optam pela continuidade dos estudos depois do ensino fundamental têm que se deslocar para a cidade de Currais ou a vizinha Bom Jesus. A maioria desses estudantes tem algum familiar que reside nas cidades mencionadas e que acabam ficando como seus responsáveis, dada a ausência dos pais. Em outros casos, os pais acabam tendo que se mudar e mesmo construir moradia na cidade com o propósito de facilitar os estudos dos filhos.

Segundo alguns moradores da região, a migração dos jovens do meio rural para a zona urbana de Currais ou de outros municípios acontece por alguns fatores, como a necessidade de dar continuidade aos estudos; a busca de melhorias na educação; trabalho; saúde; lazer e de espaços de socialização com outros jovens. Esses fatores são compreensíveis se considerarmos os baixos dados do IDHM apresentados anteriormente.

A precariedade das condições educacionais no campo muitas vezes soma-se aos aspectos que impedem a permanência dos jovens em suas comunidades rurais de origem. Nesse sentido Paulo (2014) aponta que:

Os estudiosos sobre juventude rural no Nordeste, apesar de seus diferentes enfoques de pesquisa e dos diferentes contextos estudados, têm chegado a uma conclusão comum: a juventude rural do Nordeste, especificamente os filhos de agricultores familiares, vive uma situação de precariedade decorrente da falta de condições de subsistência digna nos espaços rurais, o que tem impulsionado fortes processos migratórios para os centros urbanos, ou mesmo para outras regiões do país, seja à procura de novos espaços de trabalho em outras profissões, seja como mecanismo para rearranjar sua vida no seu meio rural de origem em condições diferentes dos seus pais (Paulo, 2014, p. 235).

Compreendido o contexto de inserção dos jovens entrevistados, agora podemos discutir e explorar os resultados das entrevistas com eles realizadas.

### **Os jovens rurais da comunidade Pirajá: permanecer ou sair do campo**

Para muitos jovens, o dilema de permanecer ou não no campo envolve diversos fatores que influenciam suas decisões. Paulo (2014) menciona alguns desses fatores pensando sobretudo no abandono escolar:

Todas as pesquisas aqui apresentadas indicam que o acesso dos jovens rurais à educação, por mais que tenha melhorado nos últimos anos e seja consideravelmente maior que o dos seus pais, ainda é insuficiente e que a necessidade de trabalhar para conquistar sua autonomia financeira, seja no interior da unidade familiar, seja fora dela, migrando ou não, é uma das principais causas do abandono dos estudos pelos jovens rurais, especialmente os do sexo masculino. Ademais, quando os jovens se dedicam aos estudos, a tendência geral na região é que busquem outros projetos profissionais diferentes do agrícola (Paulo, 2014, p. 246).

Na figura 2, abaixo, pode-se observar que os perfis dos quatro entrevistados revelam algumas semelhanças significativas.

*Figura 2*

*Perfil dos interlocutores da pesquisa de campo.*

<b>Marcadores</b>	<b>Interlocutores (nomes fictícios)</b>			
	<b>Luciano</b>	<b>Bruno</b>	<b>Eduarda</b>	<b>Letícia</b>
Idade	26	24	20	27
Gênero	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino
Cor/raça	Pardo	Pardo	Parda	Parda
Tem filhos	Não	Não	Não	Sim
É casado(a)	Não	Não	Não	Sim
Escolaridade	Ensino médio completo	Ensino médio completo. Acadêmico em Engenharia Agronômica.	Ensino médio completo. Cursando o Técnico em Informática e a graduação em Zootecnia.	Ensino médio completo
Atual local de moradia	Comunidade Pirajá (Currais)	Bom Jesus-PI	Bom Jesus-PI	Comunidade Brejo da Conceição (Currais)

Fonte: elaboração própria a partir de informações das entrevistas.

Todos concluíram o ensino médio em escolas públicas e dois deles, que são irmãos, deram continuidade aos estudos, almejando uma formação superior, incentivados pelo pai, que é graduado e professor em Pirajá, e pela mãe, que tem ensino médio completo. Todos os entrevistados cresceram na comunidade e iniciaram suas trajetórias escolares ali. No entanto, a conclusão do ensino médio de todos se deu em escolas do município vizinho, Bom Jesus.

Ao relatarem suas mudanças para Bom Jesus, os entrevistados destacaram que a decisão foi motivada pelo fato de ser mais fácil concluir o ensino médio na cidade vizinha do que se deslocando até a sede urbana de Currais ou até a comunidade rural de Pará-Batins, únicos lugares no município onde há ensino médio. Essa facilidade se deve ao fato de que todos tinham familiares residentes em Bom Jesus e que podiam recebê-los. Por outro lado,

apesar da cidade de Currais estar mais próxima da comunidade, não oferece o mesmo desenvolvimento educacional, oportunidades de emprego e outros serviços que Bom Jesus. Além disso, a distância entre Pirajá e Pará-Batins é similar à entre Pirajá e Bom Jesus, razão pela qual a preferência é logo pelo município vizinho. Circunstâncias como essas levam os jovens de Pirajá, de outras comunidades de Currais e mesmo de outros municípios da região a considerarem mais vantajosa a mudança para Bom Jesus (Sousa, 2025).

Além do recurso à rede de apoio baseada nos parentes que residem nas cidades, recorre-se também a outras iniciativas para garantir o acesso dos jovens ao ensino básico. Uma das famílias de dois dos entrevistados, por exemplo, construiu uma moradia na cidade de Bom Jesus para que seus filhos pudessem continuar seus estudos com mais oportunidades e facilidade. Além do investimento na construção da casa, a família também decidiu que um dos seus membros, a mãe, acompanharia os filhos na cidade vizinha, enquanto o pai permaneceria em Pirajá. Esses dois jovens não retornaram para a comunidade após a conclusão do ensino médio.

Nesse contexto, a educação é assumida como um projeto familiar. Esse projeto envolve tanto o recurso à rede de apoio na cidade, que tem por base os parentes que lá residem, quanto iniciativas das próprias famílias nucleares, que constroem moradias urbanas para dar suporte aos filhos ou mesmo migram com todos os seus membros como forma de garantir ou facilitar o acesso da prole ao ensino básico.

Nesses casos, além da percepção, por parte das famílias, da educação como um investimento (Zago, 2016), temos a conciliação entre o projeto individual dos jovens e o projeto familiar, algo diferente da oposição que parte da literatura sobre juventude rural tem apontado (Carneiro, 2008; Martins, 2021).

Essas estratégias também são reveladoras da ausência do Estado na garantia do direito à educação, o que revela uma falha importante no compromisso com a igualdade de oportunidades e da educação como um direito de todos. Isso fica especialmente evidente em contextos em que as famílias não têm recursos financeiros ou uma rede de apoio forte que permita que seus filhos estudem apesar das dificuldades enfrentadas, como mostram outros estudos sobre jovens rurais realizados na região sudoeste do Piauí (Sousa, 2025; Gomes & Silva, 2022).

Sem políticas públicas eficientes e acessíveis, muitos jovens acabam com um futuro limitado, com a educação vista como algo reservado para quem tem melhores condições financeiras, como um investimento que depende do esforço individual ou da família, o que é importante, e não como um direito de todos e dever do Estado.

Os relatos dos quatro jovens entrevistados revelam padrões significativos em relação à permanência ou migração entre a zona rural de Currais e a cidade de Bom Jesus. Dois entrevistados (um homem e uma mulher) ainda residem na zona rural, sendo um em Pirajá e outro em uma comunidade próxima, enquanto os outros dois se estabeleceram em Bom Jesus. Pode-se observar que os dois que estão morando em Bom Jesus (um homem e uma mulher) são também os que deram continuidade aos seus estudos, estando atualmente matriculados em cursos de graduação na Universidade Federal do Piauí, sendo que um deles (uma mulher) também está em curso técnico no Colégio Técnico de Bom Jesus (CTBJ/UFPI).

Esse cenário é emblemático e sugere que a decisão de sair da comunidade está intimamente relacionada à falta de oferta de ensino médio na área rural de Currais e ao difícil acesso às escolas situadas na zona urbana. Os dois entrevistados que não residem mais na zona rural de Currais e que permanecem vivendo em Bom Jesus, deixaram a comunidade motivados pela necessidade de acessar uma educação de qualidade e melhores oportunidades de formação acadêmica e profissional. Além disso, uma das entrevistadas que não retornou para Currais e atualmente cursa uma graduação e um curso técnico em informática, afirmou que permaneceria na comunidade Pirajá se houvesse a possibilidade de continuar seus estudos lá, o que ressalta a importância da educação como fator decisivo em sua escolha de migrar.

Isso indica que, se talvez houvesse um sistema educacional mais estruturado na comunidade ou no município, alguns jovens poderiam ter escolhido permanecer no campo, evitando a migração.

Os depoimentos e entrevistas revelam os desafios enfrentados por muitos jovens da região sudoeste do Piauí, que se veem obrigados a deixar suas comunidades em busca de melhores oportunidades educacionais.

Bruno, por exemplo, compartilha sua experiência de migração para uma cidade a 155 quilômetros de Currais em busca de uma educação de qualidade ainda no ensino fundamental. A migração de Bruno, portanto, não é apenas uma história pessoal, mas o reflexo das barreiras estruturais que limitam o acesso à educação na região. Ele destaca a importância de acessar instituições que atendam às suas aspirações acadêmicas e profissionais:

Fui estudar [o ensino fundamental] em Curimatá-PI, queria estudar no Colégio Agrícola de lá, passei 4 anos morando lá. Depois de terminar o ensino fundamental, me mudei para Bom Jesus para começar o ensino médio, já vim direto para estudar no Colégio Agrícola daqui de Bom Jesus. Logo em seguida, comecei na universidade [UFPI] no curso de agronomia (Bruno).

Nas entrevistas, os participantes compartilharam suas trajetórias e perseveranças para concluir seus estudos, o que incluiu o enfrentamento de longas distâncias. Como é o exemplo de Luciano, que relata:

Tive que fazer muitos sacrifícios para estudar, entre eles andar 1 km para poder pegar o ônibus, para chegar até a escola. Em 2016 eu tinha que ir de moto pra escola no Brejo da Conceição para finalizar o 9º ano, logo depois continuei na Escola Hélio Figueiredo da Fonseca na cidade de Currais, continuei lá nos seguintes anos, 2017, 2018, e os 6 meses de 2019, mudei para o Araci Lustosa em Bom Jesus-PI para finalizar os meus estudos [ensino médio] (Luciano).

A disponibilidade de educação e diversas oportunidades que podem contribuir para o desenvolvimento profissional é fundamental para os jovens, mas a falta de infraestrutura e serviços básicos, como saúde e transporte, é um obstáculo significativo. A ausência de acesso a esses serviços essenciais pode limitar as chances de trabalho e aprendizado, dificultando a construção de uma vida digna no campo. Como relata Eduarda:

Atualmente moro em Bom Jesus. Mas eu morei no interior de Currais, na comunidade Pirajá. Eu estudei lá quando era criança, e por conta que lá não tinha o ensino médio, meu pai resolveu mudar a gente pra Bom Jesus porque era na época que minha irmã ia entrar no ensino médio, né. Então ele resolveu transferir já nós duas pra cá. Então, esse foi um dos motivos que me fez vir morar em Bom Jesus (Eduarda).

Letícia, a mais velha entre os entrevistados, compartilhou sua trajetória escolar, marcada por desafios semelhantes aos enfrentados por Luciano. Ela iniciou seus estudos na comunidade Pirajá, onde vivia com seus pais e familiares. No entanto, devido à ausência de todas as séries do ensino fundamental em sua comunidade, à época precisou se transferir para uma escola na comunidade Brejo da Conceição e lá concluir essa etapa. Posteriormente, Letícia enfrentou outra dificuldade, que foi a falta de transporte regular para a escola, o que a fazia perder muitos dias de aula. Diante dessa situação, decidiu se mudar para Bom Jesus para dar continuidade aos estudos no ensino médio:

Estudei na comunidade Pirajá depois tive que mudar para uma escola na comunidade Brejo da Conceição para terminar o ensino fundamental, depois de terminar o ensino fundamental me mudei para Bom Jesus para terminar o Ensino Médio. Acabei me mudando para Bom Jesus devido não ter escola de Ensino Médio na comunidade Pirajá e em nenhuma comunidade mais próxima que tivesse a disponibilidade de se deslocar. Em Bom Jesus eu ficava na casa da minha avó, ela tinha uma casa em Bom Jesus. Depois que terminei o Ensino Médio, juntei<sup>7</sup> e atualmente moro na comunidade Brejo da Conceição, que também é município de Currais (Letícia).

<sup>7</sup> O termo "juntei" é utilizado para se referir ao fato de passar a morar com seu esposo, sem que houvesse a formalização legal do casamento.

Ao longo das entrevistas, observou-se que, apesar de os jovens morarem na mesma localidade e enfrentarem dificuldades semelhantes para estudar em Currais, alguns relatos revelam experiências em que esses jovens precisaram caminhar longas distâncias até a escola devido à falta de transporte, enquanto outros vivenciaram a educação de forma diferente. Ao comparar a idade dos quatro jovens entrevistados, os dois mais novos (Bruno e Eduarda) não relatam as mesmas dificuldades de acesso à escola que os mais velhos (Luciano e Letícia). Por exemplo, não enfrentaram a necessidade de caminhar até a escola, o que demonstra uma mudança nas condições de acesso à educação ao longo do tempo. Essa diversidade de experiências mostra como a fase da juventude, conforme discutido por Elisa Guaraná de Castro (2009), é moldada por contextos individuais e coletivos que influenciam profundamente a formação de cada jovem.

Portanto, os relatos demonstram que a ausência de instituições de ensino médio na comunidade foi um fator crucial que levou todos os entrevistados a buscar por oportunidades fora da sua localidade. O fato de dois jovens (Bruno e Eduarda) não terem retornado a Currais evidencia que a continuidade dos estudos em Bom Jesus oferece perspectivas inacessíveis em Pirajá.

Assim, a experiência dos entrevistados destaca a importância de políticas públicas que promovam o acesso à educação e desenvolvimento no campo, oferecendo condições que possibilitem a permanência de jovens em suas comunidades, com acesso à formação de qualidade.

Por outro lado, os resultados aqui apresentados mostram como é necessário compreender as “trajetórias” educacionais dos jovens do campo considerando os “projetos” individuais (dos jovens) e coletivos (das famílias dos jovens) e o “campo de possibilidades” em que esses sujeitos estão inseridos (Velho, 1999). Para melhor entender esse conjunto de conceitos face o contexto de pesquisa, citamos o autor:

Um dos conceitos que considero fértil para lidar com casos como o que estamos examinando é o de *projeto*. Beneficie-me das obras de diversos autores mas vem principalmente de A. Schutz a influência principal nessa direção. *Projeto*, nos termos deste autor, é a *conduta organizada para atingir finalidades específicas*. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de *projetos*. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de *projeto* e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades” (Velho, 1999, p. 40. Grifos do original).

Logo, os conceitos de trajetória, projeto e campo de possibilidades são ferramentas metodológicas importantes para a compreensão de dinâmicas como as apontadas aqui, uma

vez que permitem pensar em como jovens do campo e suas famílias lidam com as particularidades do campo de possibilidades em que estão inseridas, criando estratégias face ao contexto de inserção.

### **Considerações finais**

A pesquisa sobre jovens de Pirajá revelou os desafios enfrentados por eles em suas trajetórias educacionais. Apesar de algumas melhorias na infraestrutura local, a migração para centros urbanos continua a ser uma realidade para muitos, impulsionada pela falta de oportunidades educacionais e de emprego. As entrevistas realizadas destacam suas experiências e dificuldades, evidenciando a necessidade de políticas públicas que atendam às especificidades da juventude rural.

Além disso, a pesquisa contribui para dar visibilidade à juventude rural, um grupo frequentemente esquecido em estudos e políticas, reforçando a importância de compreender suas realidades para promover o desenvolvimento nas comunidades rurais. A análise das trajetórias dos entrevistados não apenas enriquece a literatura sobre o tema. Além disso, oferece subsídios para estratégias que incentivem a permanência dos jovens em suas comunidades ao assegurarem o acesso à educação de qualidade e melhores condições de vida.

Ao objetivar compreender a relação entre acesso à educação e permanência no campo na trajetória de vida de jovens rurais, este trabalho também mostra como é fundamental realizar pesquisas em que seja possível compreender melhor as experiências, vivências e subjetividades dos jovens do campo.

## Referências

- Alves, V. E. L., & Rolim, L. N. (2015). As migrações populacionais na década de 2000 a partir do censo demográfico de 2010: O caso da região de cerrados do Centro-Norte do Brasil. In V. E. L. Alves (Org.), *Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão e do Piauí e Leste de Tocantins. Consequência.*
- Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. (2024). *Perfil municipal: Currais (PI).*  
<http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/220323#sec-educacao>
- Borges, D. G. (2017). *O desmonte da educação do campo no nordeste brasileiro: Diagnóstico, mapeamento e análise do fechamento de escolas do campo no estado do Piauí.* Revista Linhas, 18(36), 305–324.  
<https://doi.org/10.5965/1984723818362017305>
- Carneiro, M. J. (2008). *Juventude rural: Projetos e valores.* In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional* (pp. 243–268). Fundação Perseu Abramo.
- Castro, E. G. (2009). *Juventude rural no Brasil: Processos de exclusão e a construção de um ator político.* Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 7(1), 179–208.
- Cavalcante, M. A. M., & Silva, V. (2016). *Juventudes rurais de São Mateus-Castelo do Piauí (PI): Escassez, projetos de autonomia e vivências do trabalho nos trânsitos migratórios.* In L. C. X. Luz, S. J. C. Adad, & V. Silva (Orgs.), *Juventudes rurais e urbanas: Territórios, culturas, sociabilidades e identidades.* EDUFPI.
- Costa, J. B. F. (2018). *Memórias da comunidade Pirajá sobre o fechamento da escola Antônio Alves de Sousa: Impactos sofridos na educação e na comunidade* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Piauí].
- Costa, P. S. (2025). *Acesso à educação e permanência no campo: Estudo sobre jovens da comunidade rural Pirajá (Currais-PI)* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Piauí].

Gomes, K. S., & Silva, V. R. (2022). *Juventudes campesinas: Reflexões sobre a permanência e saída juvenil na comunidade Conceição Martins, Monte Alegre, PI* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Piauí].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). *Cidades: Currais (PI) - Panorama*.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/currais/panorama>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2025). *Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA): Tabela 10061.* <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/10061#resultado>

Jesus, A. D. de, & Fabrini, J. E. (2017). Barbárie e modernidade na expansão do agronegócio nos cerrados piauienses. *Revista Pegada*, 18(2), 94–116.

<https://doi.org/10.33026/peg.v18i2.5332>

Martins, L. R. (2021). Juventude rural no Brasil: Referências para debate. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 29(1), 94–112. <https://doi.org/10.36920/esa-v29n1-4>

Oliveira, A. D., & Rios, J. A. V. P. (2015). Juventudes, ruralidades e educação: Histórias de vida e formação no seminário baiano. In *Anais do IX Encontro Regional Nordeste de História Oral*.

Paulo, M. A. L. (2014). Juventudes rurais do Nordeste: As múltiplas realidades numa região de contrastes. In M. A. Menezes, V. L. Stropasolas, & S. B. Barcellos (Orgs.), *Juventude rural e políticas públicas no Brasil* (pp. 69–92). Presidência da República.

Paulo, M. A. L. (2018). A interiorização das universidades federais e o acesso de jovens rurais ao ensino superior: O caso da UAST/UFRPE. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Económicas*, 38(1), 162–177. <https://doi.org/10.31501/raizes.v38i1.10090>

Santos, J. R. (2024). *Disputa de projetos no campo brasileiro: A política de fechamento de escolas no campo piauiense como parte da ofensiva burguesa para o avanço do capital (1996-2022)* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Ceará].  
Repositório Institucional da UECE.

<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=113709>

Silva, V. (2016). Diálogos juvenis no Sudoeste do Piauiense: As juventudes, o rural e a cidade. In L. C. X. Luz, S. J. C. Adad, & V. Silva (Orgs.), *Juventudes rurais e urbanas: Territórios, culturas, sociabilidades e identidades*. EDUFPI.

Silva, M. S., Lima, J. F., Silva Junior, J. P., & Silva, D. G. (2016). Jovens rurais da região Piemonte da Borborema-PB: Condições de vida e projetos futuros. In L. C. X. Luz, S. J. C. Adad, & V. Silva (Orgs.), *Juventudes rurais e urbanas: Territórios, culturas, sociabilidades e identidades*. EDUFPI.

Silva, M. S., & Menezes, M. A. (2007). Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: Migrações e as identidades da juventude rural. In M. J. Carneiro & E. G. Castro (Orgs.), *Juventude rural em perspectiva* (pp. 203–222). Mauad X.

Sousa, S. C. D. (2025). *Juventude, educação do campo e evasão escolar: Estudo sobre jovens da comunidade rural Formosa (Baixa Grande do Ribeiro-PI)* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Piauí].

Velho, G. (1999). Trajetória individual e campo de possibilidades. In G. Velho, *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas* (2. ed., pp. 9–32). Jorge Zahar.

Zago, N. (2016). Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. *Revista Brasileira de Educação*, 21(64), 61–77. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216404>.